

A CONVERGÊNCIA IRÃ-ARÁBIA SAUDITA, PARTE 2: ARÁBIA SAUDITA, CHINA E EUA

Por Hamid Hajizadeh*



Montagem com imagens da Internet.

Cerca de 40% do petróleo da China é fornecido por países do Oriente Médio; portanto, para Pequim, normalizar as relações entre Irã e Arábia Saudita é importante não apenas para a segurança do Golfo Pérsico, mas também para abertura de novos espaços na região.

O aumento das relações políticas e econômicas entre Arábia Saudita e China mostra um novo desenvolvimento. Sem dúvida, o país árabe é aliado dos Estados Unidos há anos, mas a mudança na forma como os sauditas abordam o rival econômico dos EUA traz uma mensagem importante. Não é simples julgar se esta mudança de abordagem, que agora se manifesta na comunicação com o Irã, é apenas uma medida tática para aumentar o poder de barganha contra o Ocidente e os Estados Unidos, ou se realmente indica uma mudança na estratégia.

ALÉM DOS ACORDOS COM CHINA E IRÃ

A mudança no comportamento político saudita, mesmo que venha de uma abordagem tática, está além do acordo da Arábia Saudita com a China e o Irã. Nos últimos dias, a Arábia Saudita ignorou Israel, aliado estratégico dos Estados Unidos na região. Em uma ação, Riad não permitiu que a delegação israelense

entrasse em seu país para participar de um evento de turismo da ONU na Arábia Saudita.

Além disso, apenas alguns dias após o anúncio do acordo entre o Irã e a Arábia Saudita para normalizar as relações entre os dois países, os Emirados Árabes Unidos suspenderam os contratos de compra de sistemas de defesa de Israel. Enquanto isso, o *Canal 12* de Israel anunciou em uma reportagem que os Emirados Árabes Unidos decidiram suspender alguns negócios, incluindo o acordo para comprar sistemas de defesa de Israel, reagindo às declarações contra os palestinos de Itamar Ben-Gvir e Bezalel Smotrich, os ministros linha dura do gabinete de Netanyahu.

O acordo da Arábia Saudita com o Irã e o apoio dos países árabes a ele mostram que o mundo árabe está se inclinando lentamente para a China, que coordenou esse acordo, e podem manter distância dos EUA e de seu principal aliado, Israel. A complexidade das relações da Arábia Saudita com os Estados Unidos já havia sido imaginada antes porque este país enfrentou os EUA no final de 2022 por causa das exportações de petróleo do país. Em 5 de outubro de 2022, apesar de semanas de *lobby* das autoridades americanas, a OPEP+ anunciou que cortaria a produção de petróleo em dois milhões de barris por dia.

Os Estados Unidos esperavam que a falta de energia causada pela guerra na Ucrânia fosse compensada pelo aumento das exportações de petróleo do mundo árabe. A decisão enfrentou uma forte reação de Joe Biden, que disse que haveria consequências para o futuro da relação entre os EUA e a Arábia Saudita. Os países árabes se levantaram para apoiar a Arábia Saudita diante da posição negativa americana contra a Arábia Saudita. Outros produtores da OPEP+, incluindo Emirados Árabes Unidos, Iraque, Kuwait, Omã, Bahrein e Argélia, emitiram declarações defendendo o corte de produção como uma necessidade do mercado e insistindo que a decisão foi unânime.

Outro sinal da possibilidade do mundo árabe se distanciar dos Estados Unidos foi a recente visita do presidente Xi Jinping à Arábia Saudita. Ele conheceu e conversou com pessoas como o rei Salman e o príncipe herdeiro Mohammed bin Salman. Nessa viagem, que também reuniu 14 chefes de países árabes, o rei da Arábia Saudita e o presidente da China assinaram um amplo acordo de cooperação estratégica. Além disso, à margem desta viagem, empresas sauditas e chinesas assinaram 34 acordos de investimento no valor de aproximadamente 30 bilhões de dólares. Esses acordos ocorreram em vários campos, como energia limpa, produção de hidrogênio, energia solar, tecnologia da informação, transporte, indústrias médica e habitacional e fábricas de materiais de construção.

CHINA E INTERESSES NA DEESCALADA ENTRE IRÃ E ARÁBIA SAUDITA

A importância de normalizar as relações entre o Irã e a Arábia Saudita não está apenas nos efeitos dessa hostilidade na segurança do Golfo Pérsico e além, mas também na abertura de um novo espaço para Pequim nessa região do mundo. Atualmente, a China é o mais importante parceiro comercial dos países do Oriente

Médio e, além dos investimentos em infraestrutura, cerca de 40% de seu petróleo é fornecido por esses países.

Segundo estimativas, a China inevitavelmente importará quase 60% ou mais de seu consumo de petróleo do Golfo Pérsico até 2040. Essa crescente dependência não deixa escolha para Pequim a não ser tentar aumentar sua influência política e controle de segurança no Golfo Pérsico. Nas últimas décadas, esse papel foi desempenhado pelos Estados Unidos, e Pequim preferiu se beneficiar da carona americana. Mas a crescente relutância dos EUA em assumir responsabilidades longe de casa, especialmente em áreas que não são de vital importância para os interesses de Washington, não só reduziu a dependência dos países árabes da região dos Estados Unidos, mas também encorajou a China a assumir o papel de principal responsável pela segurança das fontes e travessias de energia.

A China também está tentando aumentar sua presença militar no mundo como benefício de sua presença política. Observadores de assuntos globais têm considerado o estabelecimento da base militar chinesa em Djibuti em 2017 como um grande desenvolvimento nas dimensões militares da presença da China no exterior, o que pode aumentar o número dessas bases com o acirramento da competição entre China e EUA em os próximos anos.

No entanto, ainda é muito cedo para declarar o fim da era americana na região do Golfo Pérsico porque os Estados Unidos ainda possuem o maior número de bases militares e alta influência política entre os países da região. Obviamente, não pretende ceder o campo facilmente para a China. Embora este país importe apenas 7% de sua energia do Golfo Pérsico, a região é de considerável importância para Washington devido ao seu papel na estabilidade dos mercados globais e à importância de um gargalo no tráfego marítimo no Oceano Índico.

Assim, é possível que, ao mesmo tempo em que Pequim e Washington não conseguem excluir um ao outro, algum tipo de acordo não escrito em torno de seus interesses comuns centrado na segurança energética esteja em andamento. Um acordo que obriga as duas superpotências a cooperar com a concorrência para manter a segurança e a paz de forma a garantir a estabilidade do fluxo de energia.

O histórico negativo de Washington em intervenções e guerras regionais, que fez com que a atitude pública nesta região fosse negativa em relação aos EUA, deu à China uma oportunidade única para ganhar a confiança dos países da região na ausência de tais atitudes negativas. Não está claro se, considerando a intensidade da competição entre os países da região, que têm raízes e origens históricas inegáveis, até que ponto Pequim será capaz de agir como um mediador neutro e honesto; como um país que tenta considerar os interesses de todos os governos regionais em uma nova segurança e ordem política.

Apesar de todas essas dúvidas, o papel de Pequim no restabelecimento das relações entre o Irã e a Arábia Saudita abriu um novo capítulo não apenas entre Teerã e Riad, mas também para a China no Golfo Pérsico ao iniciar uma nova forma de relacionamento entre os governos da região, e também introduziu a China como uma grande potência. Ainda não está claro para os observadores se as viradas da Arábia Saudita e, conseqüentemente, provavelmente os aliados mais

próximos de Riad no mundo árabe em relação à China e à desescalada com o Irã são apenas medidas táticas para aumentar o peso de barganha desses países contra os EUA ou se realmente indicam uma mudança na abordagem estratégica.

De qualquer forma, a intenção de amenizar os conflitos na Síria e no Iêmen e a redução das tensões no Iraque pode ser um dos principais motivos para aumentar a prontidão da Arábia Saudita e seus aliados em renovar as relações regionais. Também é possível que o acirramento das diferenças entre Washington e Riad e a incapacidade e relutância dos Estados Unidos em responder às demandas sauditas possam ser outra parte dos estímulos externos que abriram caminho para Riad renovar as relações regionais e dedicar mais atenção à China. Mesmo assim, é improvável que a Arábia Saudita, dada a profundidade de suas relações com os EUA, pretenda facilmente se distanciar de Washington. Tentar equilibrar as relações com a China e os Estados Unidos, agora que parece que nenhum deles pode ser retirado da equação global, é o caminho mais provável que a Arábia Saudita pode estar buscando. Um caminho que a Turquia e o Catar já haviam seguido antes.

UM ACORDO NO FIO DA NAVALHA

A China também enfrenta dificuldades para desempenhar um papel maior na região do Golfo Pérsico. Ao contrário do governo do Irã, a opinião pública iraniana considera a China um parceiro não confiável e ainda vê com desconfiança o memorando de entendimento de 25 anos entre o Irã e a China. Os iranianos lembram que durante a recente viagem do presidente da China à Arábia Saudita, ele ignorou a questão da integridade territorial de seu país em relação às três ilhas iranianas, e essa questão provocou muitas críticas contra ele no Irã.

Os países árabes, por outro lado, não têm uma visão muito positiva da China. Eles não estão satisfeitos com o acordo de 25 anos entre o Irã e a China e sabem que os chineses buscam seus próprios interesses mediando entre eles e o Irã. Com tudo isso, a China compartilhou sua reputação para que esse acordo chegue a um resultado prático. A China acredita que a difícil situação econômica e política do Irã, por um lado, e a influência que possui entre as camadas governantes iranianas, por outro, a tornarão capaz de influenciar o Irã o suficiente para forçar o país a dar os próximos passos do acordo.

A maior esperança da China na implementação do acordo é sua influência sobre o Irã. Como diz o jornal *Al-Sharq Al-Awsat*: a Arábia Saudita não mudou, e o que mudou, entretanto, foi a crise interna no Irã que obrigou Teerã a concordar com Riad. Este conhecido jornal acredita que Riad não mudou e continua com sua abordagem razoável baseada no diálogo, mas a questão do programa nuclear do Irã é maior do que se pode imaginar. Aqui, o jornal *Al-Sharq-Al-Awsat* também mencionou outro ponto. Continua dizendo: Há também uma crise externa para o Irã, uma crise mais complicada, causada pelo seu programa nuclear, e Riad também não tem nada a ver com isso. Se o Irã for atacado pelos Estados Unidos ou por Israel, a Arábia Saudita não intervirá. A situação na região mostra que os Sauditas estão agora em uma posição muito mais forte econômica e politicamente,

e Riad não quer interferir nessas crises. Esse país quer que as relações regionais sejam baseadas na cooperação, não no confronto.

De qualquer forma, a China é a fiadora deste acordo, o que significa que se Teerã não o cumprir, haverá algumas consequências para a China. O fato de os chineses terem assumido o papel de mediadores nesse meio tempo provavelmente irrita Washington e os europeus, mas o fato é que Washington e o Ocidente não levam a sério a segurança da região desde a conclusão do acordo nuclear com o Irã em 2015. Para defender seus interesses, a Arábia Saudita tem procurado reorganizar sua posição política para não ser parte do conflito e dedicar seu potencial ao desenvolvimento.

Portanto, o acordo entre a Arábia Saudita e o Irã mostra uma espécie de realismo na estratégia saudita, em vez de indicar a virada política saudita de “olhar para a América” para “olhar para a China”. O fato é que a Arábia Saudita jamais poderá ver o Irã, um grande país da região, como um fator ignorável ou mesmo insignificante nas equações regionais, e deve passar do confronto com Teerã e suas forças por procuração para a interação política com eles.

Por outro lado, talvez os Estados Unidos não se importem que a capacidade diplomática e a reputação da China na região sejam testadas; talvez a América tenha uma visão mais profunda do futuro desse acordo e do futuro dos governantes regionais.

**Hamid Hajizadeh é jornalista iraniano, escritor e poeta persa residente nos Emirados Árabes Unidos. Hamid é analista político e especialista em Turquia, Afeganistão e nos países do Golfo Pérsico. É formado em engenharia econômica e apresentador-especialista em programas de rádio do Irã.*
